

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS IMPLICAÇÕES NO FAZER PEDAGÓGICO PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR<sup>1</sup>**

### **TEACHER EDUCATION AND THE IMPLICATIONS IN PEDAGOGICAL PRACTICE FOR THE INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN REGULAR EDUCATION**

**Lauren Slongo Braidá<sup>2</sup>, Lenir Basso Zanon<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Artigo realizado a partir de pesquisa de Mestrado sobre a Formação de Professores para a inclusão de estudantes com deficiência no ensino regular.

<sup>2</sup> Pedagoga. Psicopedagoga Clínica. Professora de Anos Iniciais no Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA. Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI

<sup>3</sup> Professora Pesquisadora vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências

#### **Resumo:**

O tema de que trata este artigo diz respeito ao desafio enfrentado por educadores em contexto escolar, para efetivar a inclusão de estudantes com deficiências nos processos de ensino e de aprendizagem, particularmente, no que diz respeito à necessidade de se contar com uma equipe multidisciplinar qualificada para alicerçar a inclusão. A metodologia adotada para tecer tal discussão permitiu organizar um estudo elaborado por meio de uma problematização do tema, com incursões referentes a aspectos organizativos do processo de criação de um coletivo de educadores para esta finalidade, no contexto do ensino fundamental. Avanços na compreensão e enfrentamento da problemática em questão exigem esforços com atenção especialmente voltada para a articulação das ações de formação continuada dos educadores, em interação com especialistas e gestores, na cotidianidade da prática escolar.

**Palavras-chaves:** Aprendizagem; Ensino; Interações; Sala de aula.

#### **INTRODUÇÃO**

Com os avanços da política pública e em distintas esferas da sociedade, no que se refere à inclusão de pessoas com deficiências nos espaços institucionais que congregam a vida humana, professores que ensinam nos diversos campos e áreas de conhecimento vêm se deparando com inerentes desafios, ante a uma nova realidade que se entrecruza em meio a suas práticas cotidianas em sala de aula. Emergem sistemáticas preocupações em como acolher de modo a incluir de forma adequada os estudantes com deficiência que passaram a frequentar a escola. Tornou-se inevitável o convívio com situações problemáticas para as quais, muitas vezes, o professor não foi minimamente preparado, o que instaura inerentes focos de insegurança e incerteza que vêm demandando estudos, iniciativas e ações, em busca de avanço nos conhecimentos sobre novas práticas que vêm sendo desenvolvidas nas escolas.

Em se tratando de uma problemática complexa que se tornou recorrente em distintos contextos de formação e atuação profissional, na área da educação, haja visto o aumento do número de estudantes com deficiência matriculados no ensino regular, as atenções têm sido voltadas para

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

a necessidade de tecer um olhar específico para demandas de cada um deles, em seus próprios processos de aprendizagem e desenvolvimento humano/social, na interação com a diversidade de sujeitos participantes do processo formativo em que está inserido. Neste artigo, a atenção se volta, particularmente, para possibilidades de ajuda pedagógica aos professores que atuam em escolas de Educação Básica, por exemplo, para que lhes seja assegurado um mínimo de condições para um bom acolhimento e orientação pedagógica aos estudantes com deficiências, ao longo das interações que permeiam os processos educativos em suas salas de aula.

Assumindo que a situação e condição específica a cada um desses estudantes necessita ser compreendida como ‘um caso à parte’, disso emergiu a necessidade de desenvolver um processo de formação continuada voltado para essa temática, no contexto de uma escola. Para isso, com base em vivências e saberes anteriores, apresentamos brevemente e colocamos em discussão, neste artigo, uma discussão pautada no entendimento que aposta na possibilidade de promover coletivamente uma educação organizada com base em fundamentos teóricos que favoreçam o desenvolvimento de caminhos em prol de avanços nos processos de inclusão. Particularmente, no que diz respeito a instigar a promoção de uma organização do ensino, em aulas regulares, que favoreça o acolhimento e participação dos estudantes com deficiência, mediante condições pedagógicas e curriculares que contribuam ao pleno desenvolvimento humano/social de todos os sujeitos envolvidos em cada processo educativo coletivamente planejado e praticado.

Assim, o interesse por discutir esse tema emergiu de vivências em contexto escolar, que têm escancarado a necessidade de avançar no (re) conhecimento do preocupante cenário problemático que diz respeito ao enfrentamento, cotidianamente, de complexas e inusitadas situações de diversidade educacional, a partir da problematização da rotina diária, considerando a inclusão de alunos com deficiências. O que dizer sobre a qualidade da formação dos educadores para lidar com essa nova realidade problemática? Quais possíveis apoios vêm sendo necessários ao professor, em especial, no que tange a alguma formação, subsídio, orientação, acolhimento? Como cada professor vem sendo subsidiado em relação a cada aluno com quem ele passa a interagir cotidianamente nas aulas, que usam medicação, dispõem de laudo médico e demandam atenção pedagógica especializada?

Em se tratando de uma temática complexa, não cabe aqui referenciá-la de forma ampla e profunda. O propósito é discutir essa linha de preocupação e indagação mediante um recorte da análise de dados produzidos numa pesquisa mais ampla, que abrangeu uma parte empírica desenvolvida no contexto de uma escola da rede estadual de ensino, enfatizando a formação dos professores para atuar em aulas com estudantes com deficiência. A pesquisa envolveu uma metodologia qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2011), organizada com base em pressupostos da pesquisa ação nos termos referidos por Carr e Kemmis (1988). A partir da construção do corpus, o processo de construção e análise dos dados de pesquisa contemplou fundamentos da Análise Textual Discursiva, nos termos propostos por Moraes e Galiuzzi (2007). A análise enfoca uma problematização do tema alinhada com aspectos organizativos orientadores da constituição de equipes multidisciplinares na escola em busca de respostas para problemas cotidianamente enfrentados, mediante processos de reflexão fundamentada sobre interações/ações já vivenciadas.

Para preservar o anonimato, em atenção aos princípios da ética na pesquisa, o corpus foi organizado em três arquivos, devidamente paginados: o arquivo 1 contém as respostas dos questionários e é designado por “Q”. O arquivo 2 contém as transcrições dos áudios gravados durante os três encontros

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

de formação na escola e é designado por “T”. Cada “T” foi identificado por meio de um número, a saber: T1, T2, T3. O terceiro arquivo contém todos os registros organizados pela pesquisadora durante o processo de desenvolvimento da pesquisa e é designado por “RP”.

## **SOBRE A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS NA ESCOLA**

A educação é um direito de todos e toda criança necessita estar na escola e ter as mesmas possibilidades e oportunidades de aprendizagem. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no capítulo IV, Art. 53, atendendo às prerrogativas da educação nacional, estabelece que toda a criança e todo o adolescente têm direito à educação de qualidade, visando ao pleno desenvolvimento humano, ao preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Estabelece, também, o direito ao atendimento educacional especializado a todos os deficientes, o que exige professores preparados para compreender esse novo cenário educacional inclusivo, que na atualidade propicia o aumento das diferenças em sala de aula.

Já se tornou conhecida a exigência de uma formação dos profissionais em cada escola para atuação junto ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado a alunos com deficiências. Contudo, persistem os amplos desafios enfrentados cotidianamente em contexto escolar, no que se refere à formação continuada dos professores que atuam em sala de aula no ensino regular, tantas vezes pouco (ou não) capacitados para acolher e saber lidar com os estudantes com deficiência, para que eles e os demais estudantes desenvolvam aprendizagens relevantes e com significado para seu desenvolvimento e para suas vidas. Afinal, a diferença não está apenas nas crianças inclusas, mas também em qualquer grupo de alunos, que pode ser homogêneo quanto à faixa etária, mas heterogêneo na forma com que se relacionam com o conhecimento, o aprendizado, o meio sociocultural e físico em que vivem.

Isso implica entender a inclusão como mais complexa e ampla do que a ampliação da integração social da criança, pois requer uma mudança de perspectiva educacional, não específica para estudantes com deficiência, mas para eles e todos os demais, para que tenham êxito na vida escolar articulada com seu processo de desenvolvimento humano/social e com suas vidas como cidadãos.

A inclusão escolar envolve basicamente uma mudança de atitude face ao Outro: que não é mais um, um indivíduo qualquer, com o qual topamos simplesmente na nossa existência e com o qual convivemos um certo tempo, maior ou menor de nossas vidas. O Outro é alguém que é essencial para nossa constituição como pessoa e dessa Alteridade é que subsistimos, e é dela que emana a Justiça, a garantia da vida compartilhada. (MANTOAN, 2006, p.81)

Atualmente, uma diversidade de estudos contribui aos professores, com pesquisas que norteiam a educação inclusiva e as diversidades, entendendo que as crianças ultrapassam diferentes fases de desenvolvimento e podem se movimentar de formas diferenciadas, sendo importante que o professor seja capacitado e acompanhado em processos coletivos de reconstrução de suas concepções e práticas educativas. Segundo Vigotski (1998), o desenvolvimento das funções mentais superiores depende do processo concreto em que a criança se insere e pesquisas mostram que progressos notáveis em tal desenvolvimento só são possíveis quando se trata de ocupar um lugar determinado nas relações sociais.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

É importante levar em conta que é recente aos professores esse enfrentamento de novas situações que permeiam a inclusão e o acolhimento, pela escola, aos alunos com deficiências. Disso emerge a necessidade de (re) entender o processo inclusivo, na perspectiva de que os professores possam ser melhor capacitados, orientados e apoiados em relação ao processo de inclusão social.

Contudo, existem lacunas amplas na capacitação docente para a inclusão de alunos com NEE em sala de aula regular e isso justifica a relevância de buscar avanços no conhecimento sobre a necessidade de auxílio ao professor, para que se sinta capacitado para planejar e desenvolver suas aulas de forma coletiva, oportunizando a todos os alunos um ensino com aprendizado significativo. Pois, como nos diz Mantoan (2006), incluir não é simplesmente inserir uma pessoa na sua comunidade e nos ambientes destinados à educação, saúde, lazer, trabalho. Incluir implica acolher a todos os membros do grupo, independentemente de suas peculiaridades; é considerar que as pessoas são seres únicos, singulares, sempre diferentes uns dos outros e, portanto, sem condições de serem igualizados nem categorizadas.

### **A Necessidade de Articular Formação e Prática Docente na Escola**

Discussões como as tecidas neste artigo suscitam uma linha de reflexão orientada para a importância de serem criados, em cada escola, espaços de interação que possam articular a formação e a prática coletiva entre professores, gestores, especialistas (pedagogos, orientadores educacionais, psicólogos), com vistas a avançar no tratamento de questões de significância quanto aos vínculos professor/aluno, à definição coletiva de estratégias pedagógicas que aprimorem o ensino e a aprendizagem, na alteridade dos sujeitos, para além das distintas áreas do conhecimento.

Ante a esse cenário, a partir de vivências e reflexões até aqui desenvolvidas, vislumbram-se perspectivas sinalizadoras de avanços na formação do professor e, neste texto, colocamos em destaque a aposta na importância de serem criadas equipes multidisciplinares no contexto da escola, em defesa de três aspectos organizativos essenciais aos processos coletivos de formação continuada colada ao cotidiano da prática educativa. O primeiro é pautado na problematização da realidade vivenciada pelos professores, explicitando e confrontando aspectos práticos e teóricos subjacentes aos discursos por eles expressos, com estudos fundamentados em autores que contribuam na proposição coletiva de novas práticas, como atividade sistematizadora a ser elaborada por parte dos sujeitos e socializada no grupo, na modalidade de relatos reflexivos sobre a própria prática, no que tange a inclusão de estudantes com deficiências na escola. O segundo, a partir dos relatos de experiências, é pautado na reflexão crítica sobre os acontecimentos relatados, numa dimensão retrospectiva e reflexiva, com avanços no conhecimento com que é interativamente reconhecida cada vivência partilhada no cotidiano da escola. Já o terceiro assume uma dimensão prospectiva, vislumbrando novas possibilidades como caminhos para a recriação da prática docente vindoura, na escola, com base em entendimentos e concepções acerca de como se deparam e lidam com as inerentes diversidades que permeiam a sala de aula, em relação a tipos de apoio de que mais necessitam. A ênfase da atenção é direcionada para a criação, na prática, de uma equipe multidisciplinar que possa auxiliar e possibilitar permanentes estudos, reflexões e ações coletivas acerca de inerentes questões que necessitam ser interativamente problematizadas e (re)significadas, em prol da melhoria da formação e da prática educativa, na escola.

Nesse período de encontros, foram realizadas discussões acerca de temáticas que envolvem o processo de inclusão e realizadas leituras que nortearam a pesquisa. O estudo durante os encontros

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

visou avançar no conhecimento teoricamente fundamentado, com base em Vigotski e Leontiev. Foi realizada a apresentação e discussão de slides, abordando conceitos como: Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Funções Mentais Superiores e o Desenvolvimento do Psiquismo.

A partir disso, emergiam reflexões que evidenciavam distintos aspectos da problemática vivenciada pelos professores, em relação ao processo de inclusão de alunos com deficiência e a preocupação com a sistemática do ensino e da aprendizagem, de forma que atenda e atinja a todos.

Quando você tem contato novamente e que vêm algumas coisas, surgem, também, as dúvidas, porque não é diferente do que você leu, as vezes não é diferente de alguém que compartilhou uma experiência, mas os casos acontecem diferente e respondem diferente. Então em momentos eu ficava e fico ainda muito angustiada, é como se em alguns momentos eu não tivesse a competência de fazer o melhor encaminhamento num momento de crise... (T1, T. p. 4).

A partir desta manifestação do professor, novamente é possível questionar sobre quais são as implicações da formação docente na interação entre gestores, professores e especialistas para a problematização e enfrentamento de situações da rotina diária, considerando a inclusão de estudantes com deficiência no ensino regular? O caminho da busca por respostas vem, aqui, iluminado por contribuições que emergem a partir de situações em que o professor encara a diferença como algo inerente a uma sala de aula e enxerga a heterogeneidade com entusiasmo e dinamismo.

Tratar desse tema amplo e complexo, que, nos últimos anos, passou também a abranger o contexto da formação para atuar junto às diversidades educacionais, exige entender e saber lidar com a dinamicidade das práticas em sala de aula. Afinal, ainda são incipientes os avanços da formação nos cursos de Licenciatura e de Pedagogia, o que situa e justifica a necessidade de investir esforços na criação de alguma modalidade de equipe multidisciplinar que possa ampliar, qualificar e articular as atividades educativas desenvolvidas da escola junto aos estudantes com deficiências.

A constituição de tal equipe pode contribuir para articular ações individuais e coletivamente empreendidas na instituição de ensino, possibilitando identificar e analisar cada distinta situação que cotidianamente tende a passar despercebida. A atuação da equipe supõe a necessária reflexão junto a professores e gestores como possibilidade de interação entre conhecimentos orientados a um persistente aperfeiçoamento do processo de desenvolvimento humano/social de cada estudante. Supõe reconhecer que muitas vezes o ‘problema’ não é único do aprendente, mas também do educador e da instituição educacional.

De acordo com Fernández (2001), “dizemos que o problema de aprendizagem não é outra coisa senão anular as capacidades e cortar as possibilidades. As vezes, as possibilidades de muitos profissionais entusiastas estão cerceadas pelo tipo de inserção institucional. ”. Essa linha de reflexão é considerada fundamental para entender e promover uma educação que caminhe a favor das questões inclusivas, auxiliando o professor em sua atuação e prática em sala de aula. Pois formar professores para a educação inclusiva e para as diversidades não significa apenas ofertar cursos e formações e sim acompanhar a atuação desse profissional e oferecer apoio quando e de acordo com o que ele necessitar.

O que se percebe é que, na interface entre os campos da psicologia e da pedagogia, têm emergido a

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

criação de equipes institucionais que têm contribuído para subsidiar encaminhamentos de questões diversificadas que permeiam as relações professor/aluno e os planejamentos coletivos em prol do repensar situações pedagógicas articulando dimensões da afetividade e do cognitivo, entre outras, em prol da reconstrução das práticas educacionais.

Para que se possa avançar numa educação verdadeiramente inclusiva, o caminho é longo, complexo, nunca linear, nem simples, mas a necessidade e o motivo, como diz Leontiev (1995), é o fator propulsor dos processos de mudança em propensão. Como nos ensina este autor, por mais que as crianças sejam incapazes de estudar com resultados e em ritmos satisfatórios comparativamente às condições 'normais', ainda assim são dignas de processos de ensino e de aprendizagem voltados ao seu pleno desenvolvimento humano/social.

Acredito que as trocas, relatos de experiências, com pessoas que já passaram por algumas situações parecidas com as nossas sempre vêm a contribuir. Em diversos momentos nos angustiamos em pensar o que mais podemos fazer pelos nossos alunos (T5, Q. p 9, 2019).

Cabe aqui reafirmar que é através do outro, na interação com o outro, que o sujeito se desenvolve e se constitui humano (VIGOTSKI, 1984, 1987, 2001). Isso é perceptível tanto no desenvolvimento do aluno, com também do professor, pois trata-se de um desenvolvimento humano. Fortalece, através da fala do professor abaixo posta, a ideia de que as interações entre os professores, para debater questões relacionadas a educação especial, deva ser contínua, pois o amparo, por vezes, vem através da escuta, da socialização dos fatos, das trocas de experiências. Estimular a comunicação entre professores e alunos, entre os docentes e entre os outros sujeitos presentes no meio educacional, possibilita a socialização da inclusão, pelo viés do entendimento, diálogo e conhecimentos acerca das dificuldades que devam ser minimizadas.

Essa interação supõe, sobretudo, a existência de uma equipe multidisciplinar que acolha, oriente, discuta e planeje caminhos para o enfrentamento das diversidades que acompanham os processos de ensino e de aprendizagem. Pensar a inclusão na escola não pode ser visto apenas como uma questão legal, mas também cultural, de conscientização, dependendo de preparação profissional para atender às demandas decorrentes da previsão legal. Isso pode ser feito articuladamente com processos de repensar os currículos nos cursos de licenciatura e pedagogia, potencialmente inovadores para permitir avanços na formação para a diversidade.

Afinal, promover avanços no conhecimento sobre o enfrentamento dos desafios inerentes aos processos de inclusão dos estudantes com deficiências na escola exige esforços, iniciativas e ações acompanhadas pela pesquisa na realidade, a exemplo da investigação de processos de criação de equipes interdisciplinares que contemplem as diversidades educacionais, com vistas a problematizar e reconstruir a realidade vivenciada na rotina diária em sala de aula, considerando a inclusão de alunos com deficiências, dando atenção a possíveis apoios ao professor.

Assim, para fazer frente à necessidade de investir esforços na qualificação da formação do professor para efetivar a inclusão de estudantes com deficiências na escola, a aposta, neste texto está assentada no entendimento de que a formação dos professores é o aspecto fundamentalmente necessário para tal.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Nessa perspectiva, Mantoan (2006, p. 30) alerta, também, para a importância de investimento de esforços em prol de melhorias na formação inicial dos professores, ante à “necessidade de que todos os níveis dos cursos de formação de professores devem sofrer modificações em seu currículo, de modo que os futuros professores discutam práticas de ensino adequadas às diferenças”. Há que se avançar, também, sim, nos cursos de Licenciatura e de Pedagogia, com novas disciplinas, conteúdos e referenciais voltados para uma educação que acolha e saiba lidar com a diversidade, contemplando as pessoas com deficiências. A formação docente, como reforça Reis (2006), necessita preparar o professor para o convívio com o outro, para ensinar o outro e para aprender com o outro, respeitadas as suas características sociais, biológicas e cognitivas, o que faz com que cada um de nós, sejamos diferentes do outro. Esta é a essência humana.

Isso situa a aposta, neste texto, na valorização da visão de uma formação continuada capaz de entender e atender as diferenças, por permitir o estudo, a pesquisa, a reflexão e o planejamento coletivo, com constantes novas concepções e práticas educativas, em que o professor tenha a oportunidade de vivenciar e frutificar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver, pensar e lidar na escola.

Fica enfatizado, assim, que compete à escola, articuladamente com o profissional do AEE acompanhar e verificar, junto ao professor de sala de aula, as possibilidades de estudos e atividades compatíveis aos estudantes da educação especial, visando criação das necessárias condições e dos meios em cada campo curricular. Segundo Vigotski (1984, 1987, 2001), as funções psicológicas (mentais, psíquicas) são constituídas ao longo da história do homem, em sua relação de interação com o mundo social/cultural, apropriando-se dele, significando-o, por meio dos instrumentos e signos. Sendo assim, cabe à escola e ao professor criar as condições adequadas para colocar o estudante em atividade (em situação-problema; metodologias ativas) de modo a potencializar seu processo de desenvolvimento. Isso exige criar a necessidade e o motivo do estudo escolar, mediante um ensino adequado para tal.

Ao tempo em que isso venha a se tornar significativo e contínuo para o professor, ante ao objetivo de capacitá-lo para as diferenças que acompanham sua prática em sala de aula, ajudará a promover mudanças de postura na profissão como mediador, orientador e potencializador da aprendizagem a todos, com recursos de que dispõe e com novos recursos e condições a serem sistematicamente criados na escola. E, acima de tudo, com fundamentação teórica consistente e consciente dos aspectos externos e internos que influenciam a educação, visto que a educação não se resume à sala de aula ou à escola, mas está presente num contexto cujas características interferem em seu andamento, o que demanda o ser professor pesquisador.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2010, p. 29).

Freire (2010) instiga reflexões sobre essa necessidade de formar e ser professor pesquisador, pois de nada adiantariam cursos de formação se o professor se colocar apenas como expectador e não almejar mudanças em sua prática frente as necessidades. Tornar-se pesquisador em sua própria prática de

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

sala de aula é o desafio aqui em questão, em que o professor se permite colocar-se como autor, ator e observador participante em processos de pesquisa-ação, com vistas a transformar e compreender o próprio processo de ensino nas diversidades educacionais.

Avançar na criação de um sistema educacional de acordo com as necessidades da inclusão é imprescindível, mas isso só será possível se a formação do professor evolua no saber ensinar para a diversidade de estudantes, vista como um todo. E a capacitado para isso requer uma formação que proporcione entendimentos especializados e dinâmicos a respeito dos discentes, vislumbrando que o cenário é variável e se modifica continuamente, transformando o contexto em que se insere: a escola e a sala de aula. A permanente variação de tal cenário exige uma atuação pedagógica voltada para o enfrentamento da situação de exclusão, reforçando a importância de ambientes heterogêneos na promoção da aprendizagem.

Se, historicamente, os cursos de Pedagogia e de Licenciatura tornaram tradicional uma formando professores em perspectiva homogeneizadora, focada na percepção de que os alunos aprenderiam os mesmos conteúdos no mesmo limite de tempo e espaço, com mesmas metodologias, todos num mesmo ritmo de aprendizagem, hoje é necessário formar professores que tenham olhares específicos respeitando as subjetividades e dificuldades, escolhendo diferentes metodologias dentro da mesma sala de aula, na diversidade com que os alunos aprendem. Perrenoud, no livro “10 Novas competências para Ensinar”, contribui na reflexão sobre as mutações do ato de ensinar, que demandam readequações para que o docente não fique aquém e estagnado em sua prática.

O ofício não é imutável. Suas transformações passam principalmente pelas emergências de novas competências (ligadas, por exemplo, ao trabalho com outros profissionais ou à evolução das didáticas) ou pela acentuação de competências reconhecidas, por exemplo, para enfrentar a crescente heterogeneidade dos efeitos escolares e a evolução dos programas. Todo referencial tende a se desatualizar pelas mudanças das práticas, e também, porque a maneira de concebê-las, se transforma. (PERRENOUD, 2000, pag.14)

Dessa forma, acredita-se poder avançar no entendimento da realidade educacional inclusiva da instituição escolar; favorecendo a reflexão e a pesquisa acerca das necessidades educacionais especiais dos estudantes incluídos; oportunizar o diálogo entre gestores e professores sobre as necessidades docentes e discentes para que o processo de inclusão aconteça; potencializar o processo de criação da equipe interdisciplinar na escola, com condições favoráveis para auxiliar, dar suporte e atender aos docentes e discentes frente às inerentes dificuldades e desafios que acompanham o processo inclusivo.

Particularmente, cabe refletir, aqui, ainda que brevemente, sobre demandas formativas postas aos professores para o desenvolvimento de um ensino de conteúdos e conceitos escolares nas diversas áreas e disciplinas, atento às diversidades dos estudantes, apontando que, como ensina Vigotski (1998), as interações sociais são congregadas em torno do significado da palavra. Refletem também os laços objetivos, na medida em que estes últimos coincidirem com as relações existentes entre as percepções ou impressões da criança. Por conseguinte, muitas palavras têm parcialmente o mesmo significado para o adulto e a criança, especialmente as palavras que se referem a objetos concretos que fazem parte do meio ambiente habitual da criança. Os significados que os adultos e as crianças atribuem a determinada palavra como que “coincidem” muitas vezes no mesmo objeto concreto e

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

isto basta para assegurar a compreensão mútua.

A formação, mediante interações sistemáticas em uma equipe multidisciplinar, é o amparo e sustento necessário ao professor, pois ainda são presentes e preocupantes as inquietações em relação a como entender e saber lidar no ensino em aulas com estudantes com deficiência. Principalmente em prol do acolhimento, da educação de cada sujeito com potencial e direitos a serem atendidos. Isso é perceptível na fala apresentada a seguir:

A dificuldade quando ele (deficiente) vem à escola é dessa aceitação do profissional, porque a primeira coisa que o profissional que saber, o professor, é que laudo a criança tem. As vezes ela não tem laudo é uma questão, assim, bem simples, comportamento...não, mas já estão procurando perguntar que laudo essa criança se enquadraria, uma resistência, uma não aceitação, de querer tirar essa criança da sala, querer que ela venha 1 turno (T2, T. p. 2, 2019).

Manifestações como esta demonstram a necessidade do investimento nas interações, no diálogo, na formação continuada intermediada na equipe multidisciplinar presente e viva na escola, em que se possa sentar com o professor e juntos planejar e buscar formas de ensino que estejam de acordo com as necessidades do grupo.

Ainda com base em Vigotski (1998), cabe reafirmar o entendimento da linguagem humana relacionado com duas funções básicas: de comunicação social e de pensamento generalizante. Infere-se, então, que a linguagem humana além de permitir a comunicação entre as pessoas ela simplifica e generaliza a experiência criando categorias conceituais, facilitando o processo de abstração e generalização. O pensamento verbal não é inato. Os conceitos são construções culturais, internalizadas pelos sujeitos ao longo do seu processo de desenvolvimento. Os atributos necessários e suficientes para definir um conceito são estabelecidos por características dos elementos encontrados no mundo real, selecionados como relevantes pelos diversos grupos culturais. Vislumbram-se, assim, processos de ensino que favoreçam a aprendizagem com atribuição de sentidos a cada conteúdo/conceito escolar, como é o caso dos de Química, numa perspectiva que favoreça os processos de desenvolvimento humano/social, tal como discutido neste texto.

## Algumas Reflexões e Considerações Finais

Reflexões acerca da prática escolar aliadas com vivências pelo acompanhamento a professores, crianças e adolescentes tendem a suscitar o interesse de aprofundar o estudo e pesquisa sobre o viés da formação do professor para atuar em sala de aula, ante às diversidades educacionais sistematicamente encontradas.

É crescente a constatação do quanto que os professores necessitam de apoio na escola, como instituição que orienta, educa e forma cidadãos. Necessitam de conhecimentos teóricos e práticos sobre dificuldades e problemas de aprendizagem escolar, transtornos, laudos clínicos que recebem de profissionais que avaliam estudantes e que encaminham orientações sobre situações e questões específicas. Isso (re) situa a importância de ampliar os processos formativos em contexto escolar, em busca de entender como os professores estão encarando e lidando com os novos problemas na rotina diária de sala de aula, considerando as diversidades e a inclusão.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Após a realização desta pesquisa, a partir da convivência com professores e gestores da escola em que foi realizada a pesquisa, tornou-se mais visível a importância da aposta em processos formativos desenvolvidos de forma coletiva e contínua. Formações que sejam inseridas no próprio contexto da prática educativa; assumindo que é possível articular o estudo, o planejamento e ação coletiva como fundamentos orientadores do entendimento dos comprometimentos e das dificuldades, mas, acima de tudo, das potencialidades do ensino e de suas decorrentes novas aprendizagens.

Preceitos do referencial histórico cultural mostraram-se pertinentes para contribuir nesse entendimento de que aprendemos por meio da relação com os outros, como relação que se dá na interação, no diálogo, na socialização de saberes e experiências sistematicamente em reconstrução. A formação continuada na escola associada com estudos sobre o ensino, a didática, a transposição didática, o currículo, a relação entre aprendizagem e desenvolvimento nos levou a refletir sobre o papel do professor, a complexidade do ato de ensinar e o quão é importante a constituição do profissional como pesquisador em sua própria rotina cotidiana, pois ele é protagonista de sua prática na medida em que promove mudanças em sua atuação, visando o pleno desenvolvimento humano/social.

A potencialidade da formação articulada como processo de reconstrução social da prática nos faz pensar na importância da continuidade das interações, das trocas de informações e da equipe multidisciplinar dentro da escola, que sempre que for necessário deverá ser chamada, requisitada e reconstruída como sistemático movimento de repensar questões sobre a inclusão. Defende-se e aposta-se na criação de grupos de estudos, espaços de interações entre os professores, gestores e especialistas, em favor de um processo coletivo de formação que dê o suporte pedagógico que o professor requer para que a sua prática dentro da educação inclusiva, com alunos com deficiência, possa vir a ser efetiva e colaborativa para promover avanços no processo de ensino, de aprendizagem e de desenvolvimento de todos os sujeitos escolares.

Atenções necessitam ser sistematicamente direcionadas ao entendimento sobre os tipos de apoio eles estão contando, se existe alguma equipe interdisciplinar que lhes subsidia, orienta, acolhe e fortalece para a prática coletiva na diversidade, como o professor se sente na sala de aula com inclusão, como ele se prepara para isso em sua prática diária, de qual apoio mais necessita, se sente-se capacitado para lidar com a diversidade, se lhe está sendo ofertada alguma modalidade de formação continuada, enfim, como ele lida e pode vir a melhor lidar com os estudantes com deficiências.

Espera-se, sobretudo, por avanços nos estudos, reflexões e ações, no contexto desse novo cenário problemático, em prol do desenvolvimento dos necessários avanços em cada espaço organizativo da vida escolar, seja a aula, a turma, disciplina, a área, o nível de ensino, a instituição escolar como um todo.

O inacabamento e a incompletude fazem parte desses processos reconstitutivos da vida quando ela se encontra em movimento coletivo de desconstrução e de recriação sociocultural. Persistem os desafios e as dificuldades, mas nos olhares persiste a dimensão sistematicamente orientada por possibilidades instauradas no curso dos próprios ritmos vida que se renova em cada nova forma de entendimento e de enfrentamento de cada nova situação/ação/formação. Nela é que reside a condição humana como condição constitutiva da, na e para a educação.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

## Referências

CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen. **Teoria crítica de la enseñanza: investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Martinez Roca, 1988.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Trad. Neusa KernHickel e Regina OrglerSordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 2001.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**, Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação inclusiva**: limites e perspectivas. Goiânia: Descubra, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem. Vigotsky, L.**; tradução Jeferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neta, 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

**Parecer CEUA:** 3.621.173